

## Dois humanistas brasileiros: Antonio Candido e Ricardo Benzaquen

Carmen Felgueiras<sup>1</sup>

Todos os homens são intelectuais – pode-se dizer, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais. Não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Todo homem, fora de sua profissão, exerce alguma atividade intelectual, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, tem uma linha de conduta moral: contribui para manter ou para modificar uma concepção do mundo. Portanto suscita novos modos de pensar em relação aos homens<sup>2</sup> (GRAMSCI, 2000: 52).

Antonio Gramsci visava com esta distinção afirmar a possibilidade de que, numa sociedade comunista, a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, vigente ao longo da história da humanidade e tremendamente intensificada na era do capital, viesse a ter fim. Contudo, em seus trabalhos, a função do intelectual é estratégica para pensar as relações político-ideológicas entre classes e grupos sociais. Ou seja, Gramsci não ignorava a sua importância.

Isto significa que, sem desconsiderar a relevância da afirmação de cunho generalizante do marxista italiano - todos os homens são intelectuais -, enfatizarei aqui o segundo termo da oração - “nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais” - para falar de Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) e Ricardo Benzaquen de Araújo (1952-2017).

Nos dias que correm, quando, aqui e alhures, perspectivas anti-intelectualistas ganham terreno, é importante dizer que ambos desempenharam essa função de maneira plena, ampla e íntegra na maior parte do tempo que viveram. Foram intelectuais profissionais. Nunca exerceram outra profissão. E, talvez, ao final deste texto, tenhamos uma noção mais precisa da extensão e do significado da ideia de profissão do intelectual do modo como ambos a experimentaram.

Antes disso, contudo, se estamos diante de intelectuais “concretos”, cada qual portador de uma biografia própria, cabe a nós pensar o que os aproxima e o que os distingue, ou seja, neste último caso, o que os singulariza enquanto tais.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj) e professora associada do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>2</sup> GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: **Cadernos do Cárcere**. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Começarei pelas semelhanças em suas trajetórias. Uma delas é a experiência do deslocamento. Ricardo Benzaquen nasce em Manaus e vem ainda muito criança para o bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Dentre as razões da mudança, a preocupação dos seus pais com as oportunidades, que vislumbravam limitadas, que a cidade amazonense ofereceria ao seu único filho. Ricardo reteria desta época as boas lembranças dos banhos nos igarapés e as caminhadas noturnas pelas ruas da cidade que ele e o pai iluminavam com lanternas, pois alguns bairros de Manaus ainda não possuíam iluminação pública.

Antonio Candido nasce no Rio de Janeiro, mas passa boa parte da infância e juventude entre São Lourenço, Minas Gerais, e São Paulo. Cursa o ginásio em cidade do interior de São Paulo e vai definitivamente para São Paulo capital em 1939, quando ingressa no curso de Direito da USP e na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras também da USP.

Essa experiência de mobilidade geográfica para os grandes centros não era incomum no Brasil do século XX, mesmo em se tratando de filhos famílias de classe média, para os quais a educação superior já representava maiores chances de ascensão.

Abro aqui um parêntese para notar que, por outro lado, grandes diferenças sobressaem quando comparamos o meio familiar em que ambos se criaram. Ricardo era filho de pai securitário que chegou a postos de direção nas empresas em que trabalhou e de mãe contadora, dona de um escritório próprio - Sol Benzaquen de Araújo - que, aliás, ainda existe, tendo, com o seu falecimento, passado para as mãos dos seus funcionários. O pai de Antonio Candido era médico, uma das três alternativas profissionais - as outras eram direito e engenharia - que se afiguravam aos jovens de elite no Brasil. A propósito dos pais, Antonio Candido diria em uma das várias entrevistas que concedeu: “Sou filho de um médico estudioso e dedicado à profissão, mas com grandes interesses para o lado da filosofia, da história e da literatura, e de uma mãe que teve apenas a instrução sumária dos colégios de freiras daquele tempo, mas era muito inteligente e culta”. Tanto que seu filho não cursou o ensino primário, estudou em casa. Como profissional liberal, o pai de Antonio Candido ganhava muito bem, mas após a sua morte em 1942, a família passaria por dificuldades financeiras, o que motiva o sociólogo a aceitar o cargo de assistente de Fernando Azevedo em sociologia, apesar do seu interesse maior por teoria literária. A outra semelhança mais evidente entre os dois é a experiência do ativismo político. O fato é que ambos viveram boa parte da sua juventude sob ditaduras civis e militares, ditaduras enfim, e assumiram identidades de esquerda. Como curiosidade apenas, sem nenhum significado sociológico maior, pois se tratam de contextos e subjetividades bastante distintos, Antonio Candido tem 12 anos quando Vargas assume o poder e Ricardo tem 12 anos quando os militares dão o

golpe de 64. Antonio Candido milita contra o Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas, em grupos clandestinos como o Grupo Radical de Ação Popular. Mais tarde, filia-se ao PT, desde a sua fundação em 1980, juntamente com Apolônio de Carvalho, Mário Pedrosa e Sergio Buarque de Hollanda. Conforme diria na entrevista concedida a Gilberto Velho e Yonne Leite do Museu Nacional, UFRJ, e publicada em 1993 na Revista *Ciência Hoje* da SBPC, “Clima<sup>3</sup> representa, na sua segunda fase, o esforço cultural de uma linha socialista independente ajustada ao Brasil, como a que veio produzir uma geração depois o PT. Por isso entrei nele desde a fundação, inclusive com o sentimento de estar representando alguns amigos mortos”.

Por outro lado, a militância política de Ricardo Benzaquen, da qual, aliás, ele dava poucos detalhes, se concentra nos últimos anos de estudo no clássico do CAPE da UFRJ, e pode ser inferida da leitura de *Os Carbonários* de Alfredo Sirkis e de outros livros sobre a guerrilha no Brasil.

Cabe notar, contudo, que nem a infância e o deslocamento, nem a militância política, foram temas escolhidos por Antonio Candido e Ricardo Benzaquen - e se essas experiências os mobilizaram de algum modo para a consecução dos seus escritos, elas constituem uma perspectiva mais ampla da qual não deixaram pistas muito evidentes. Do mesmo modo, não foram estas experiências exclusivas dos dois e, neste sentido, suficientes para singularizar as suas trajetórias.

Apenas posso afirmar que, no caso de Ricardo Benzaquen, sendo filho de mãe judia, dela herdará a forma laica de seu ethos, ou seja, o gosto pelo trabalho árduo, obsessivo, e o cuidado extremo com os que lhe eram próximos. Não convivi com o professor Antonio Candido para fazer qualquer afirmação sobre a ascendência dos seus traços de caráter, mas a sua discrição, gentileza e generosidade foram amplamente confirmadas por todos que escreveram sobre ele, após o seu falecimento em 12 de maio deste ano (2017).

Abreviando este recuo ao tempo da infância, e sem ampliar o escopo desta exposição para os aspectos políticos e econômicos que possam ter influído em algumas das suas escolhas, o caminho seria então enfatizar os contextos intelectual e acadêmico que ambos encontram no país e em que desenvolvem seus trabalhos, os quais, ainda que isso não seja suficiente para determinar suas trajetórias, permitem traçá-las de uma maneira um pouco mais inteligível.

---

<sup>3</sup> Revista Clima, periódico acadêmico, publicada entre 1941 e 1944.

Logo de início, constatamos que uma geração os separa. Quando Ricardo Benzaquen nasce em 1952, Antonio Candido já havia lançado *Introdução ao método crítico de Silvio Romero* em 1945, com o qual obtém seu título de livre-docente em literatura e estava prestes a concluir o seu doutorado em ciências sociais com a tese *Os Parceiros do Rio Bonito*, que será publicada posteriormente, em 1964, e considerada por ele uma prestação de contas do seu trabalho como assistente de Fernando Azevedo.

Como todos os jovens, de ontem e de hoje, ambos se depararam com o momento da escolha profissional, em que suas subjetividades encontraram nas instituições universitárias de suas épocas os meios para se expressar. Antonio Candido cursa simultaneamente direito - a pedido do pai, que não queria vê-lo passar fome, quando o filho lhe comunica que desistira de prestar o vestibular para medicina para dedicar-se às ciências sociais - e sociologia, vindo a optar definitivamente por esta última. Ricardo se vê entre história e sociologia, vindo a optar pela primeira. Contudo, nem Antonio Candido se tornaria sociólogo, nem Ricardo, historiador estrito senso. Abrindo outro parêntese, agora para marcar a semelhança, diria que ambos se situam no extenso campo da intelectualidade de cunho humanístico, no qual as fronteiras disciplinares são frequentemente atravessadas.

Recapitulando a ordem cronológica das trajetórias, em 1939, Antonio Candido ingressou no curso de direito da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e na Faculdade de ciências sociais e filosofia da USP. Dois anos mais tarde, estreará como crítico literário na revista *Clima*, fundada em 1941 por Alfredo Mesquita e Lourival Gomes Machado e a qual aderem, além dele, o crítico de teatro Décio de Almeida Prado (1917-2000), o crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), e sua futura esposa, a crítica literária Gilda de Mello e Souza (1919-2005), entre outros. Abandona o curso de direito no quinto ano e conclui o bacharelado e a licenciatura em sociologia, em 1942. Como já mencionei, nesse ano, torna-se docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC/USP) como assistente de sociologia do professor Fernando de Azevedo (1894-1974). É aprovado em concurso de literatura brasileira com o título de livre-docente em 1945, com o trabalho sobre Silvio Romero, referido acima. De 1958 a 1960, leciona literatura brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, São Paulo.

De uma brevíssima biografia de Ricardo Benzaquen deve constar que ele ingressa no curso de História da PUC-Rio em 1970, conclui seu mestrado em Antropologia no Museu Nacional em 1980, com a dissertação “Os Gênios da Pelota. Um estudo sobre o futebol como profissão”, sob a orientação do professor Gilberto Velho. Nesta mesma instituição defende o seu doutorado em 1993 sobre a obra de Gilberto Freyre, tendo agora Otavio Velho como

orientador. Desta tese resulta o livro *Guerra e Paz. Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, publicado em 1994 e ganhador do prêmio Jabuti na categoria ensaio, neste mesmo ano. Foi professor da PUC-Rio no departamento de História desde 1975 e no programa de pós-graduação em História Social da Cultura desde o seu início, em 1986. Trabalhou também no prestigioso Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) de 1987 a 2010. Seu contemporâneo, o antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares, em texto recente de homenagem ao amigo, publicado em *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS)* da UERJ, expressa de forma bastante precisa o momento que ambos compartilharam no IUPERJ:

A superposição entre os tempos pessoal e nacional, privado e público, nos conferia e aos colegas, e à própria instituição, uma energia única, que se retroalimentava, atravessando distintas dimensões, estimulando o trabalho intelectual, dinamizando a docência, motivando a pesquisa e impelindo à criatividade e à ousadia. Por exemplo, a ousadia de transgredir distinções disciplinares<sup>4</sup>.

Como observei acima, as suas trajetórias acadêmicas e intelectuais mostram um trânsito frequente entre diferentes campos disciplinares; porém, seus interesses por literatura, crítica literária, sociologia, antropologia e história acabam encontrando na área de pensamento social no Brasil um ambiente propício para esse diálogo interdisciplinar. Antonio Candido é o autor do livro que marcará de forma definitiva esta área na sua vertente paulista, o seu *Formação da Literatura Brasileira*, e Ricardo Benzaquen recupera de modo inovador Gilberto Freyre, considerado maldito tanto por suas inclinações políticas - apoiou o golpe militar no Brasil e a ditadura de Salazar -, quanto por uma certa interpretação de sua obra como uma defesa da existência de uma democracia racial no Brasil.

Neste sentido, é possível identificá-los ao campo do pensamento social no Brasil, tendo no GT na ANPOCS, do qual Ricardo foi um dos fundadores, um dos seus fóruns privilegiados e no qual se expressaram com nitidez as suas diferenças em um debate tão fecundo quanto acirrado. Dentre todas as dessemelhanças, vou me concentrar de modo bastante breve, tendo em vista os limites e a natureza deste artigo, no que considero consistir as principais: a concepção de ensaio e a noção de contexto.

Como vimos, Antonio Cândido opera com uma concepção, digamos, ensaística da sua própria trajetória e da sua obra. Na entrevista concedida a Gilberto Velho e Yonne Leite, Antonio Candido dirá “(...) ensinei sociologia sem ser sociólogo, não sou formado em letras e

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/index>>.

ensinei literatura, raspei pela medicina, estudei direito e não usei o que aprendi, li sem método um pouco de tudo. Vocês compreendem por que me considero um indivíduo de formação irregular e heterodoxa, mas, modéstia à parte, produtiva.”

Por outro lado, este caráter indefinido e errante de sua experiência intelectual pode ser colocado em contraste com uma análise que busca atingir uma totalidade explicativa dos fenômenos, deixando pouca margem para o inacabamento e a incerteza, próprios do gênero ensaístico. Como é sabido, Antonio Candido é fortemente marcado pela tradição francesa, pela escola durkheimiana de sociologia, que, aliás, esteve presente de forma decisiva nos inícios da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e que, junto ao seu contato autodidata com a antropologia inglesa de corte estrutural-funcionalista, orienta seu pensamento para uma versão mais positiva da ciência social. Sua noção de contexto, ou melhor, o modo como ele trabalha com a noção de contexto, pode ser derivada deste seu objetivo. Tomado como algo dado, o contexto é incorporado na análise sem maiores questionamentos, como, aliás, costumam operar as ciências sociais. A forma precisa com que Rodrigo Martins Ramassote resume este ponto, em “A sociologia oculta de Antonio Candido”, publicado na revista *Tempo Social*, justifica a extensão da citação:

Embora a ambigüidade profissional que enredara o início da trajetória intelectual e acadêmica de Candido – cindida entre a crítica literária e a pesquisa na área de sociologia – estivesse virtualmente dissipada nesse momento, quando já se encontrava firmada sua identidade profissional como principal mentor e responsável pela área de Teoria Literária e Literatura Comparada na FFCL-USP, os ensaios abordados neste artigo remetem a uma dupla inserção de tradições disciplinares, a qual pode ser discernida nos conteúdos temáticos privilegiados por Candido, alinhados ao campo de investigações tradicionais da reflexão sociológica no Brasil. A despeito da enfática preocupação com a análise dos desafios formais das obras literárias, Candido aborda os principais romances da literatura brasileira pela discussão de questões de ordem sociológica, relativas, entre outras, à constituição da ordem pública, da abrangência dos laços familiares, da formação da estrutura de classes e consolidação do Estado-nação. Preocupando-se em deslindar como ‘a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo’ (Candido, *O discurso e a cidade* p. 9), o autor, em seus principais ensaios, realiza uma reflexão profunda sobre tal “realidade do mundo”, baseada numa síntese particular que assimila e explora, de modo criativo, autores, tradições e esquemas analíticos sociológicos de diversas procedências na composição de um projeto autoral cujas principais coordenadas articulam ensaísmo social e crítica literária, ciências sociais e análise estética<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702008000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100011)>.

Outro elemento que reforça essa sua concepção de contexto é o seu contato com o marxismo. Para ele, conforme disse na entrevista supracitada,

[o] marxismo é uma filosofia totalizadora, e ser marxista é mais ou menos como ser católico: você tem de passar pelo crivo da doutrina toda a realidade do mundo, do ser, da ação. Ora além da impregnação geral de método, que acabo de mencionar, o marxismo para mim foi importante sobretudo no terreno da política. Acho, por exemplo, que sem conceitos como luta de classes não se entende corretamente a realidade social. Mas me convenci desde cedo que ele não é uma doutrina fechada, e sim um instrumento de grande poder analítico e prático, que deve ser ajustado sempre à luz dos novos conhecimentos<sup>6</sup>.

Também no que diz respeito às suas principais referências teóricas, Ricardo Benzaquen incorpora a vertente mais antropológica, maussiana, da tradição francesa, mas ele igualmente absorve a tradição alemã de pensamento. Weber, Simmel, Benjamin, Krakauer e outros, fizeram parte de sua formação e muito dessa orientação lhe chega pelas mãos do professor de literatura e crítico literário Luis Costa Lima. Ou seja, em Ricardo o tema da subjetividade é central e situa-se no interior da forma ensaística enquanto parte de um diagnóstico da modernidade como crise ou como tragédia da cultura. A separação entre cultura objetiva e cultura subjetiva, como Simmel a formulou, circunscreve os limites do conhecimento acerca da realidade. Toda assertividade sobre qualquer suposta realidade só encontra meio de expressão através do trabalho, da energia interpretativa de um sujeito que, no entanto, deve se servir da ironia para se afirmar, uma vez que escapa ao ensaísta a afirmação peremptória de uma verdade.

Neste sentido, também a noção de contexto é marcada por aquela cisão e o próprio contexto torna-se apreensível e significativo através do trabalho de interpretação. Em suas palavras,

todo contexto, em vez de apontar para uma experiência objetiva, única e abrangente, deve ser encarado como uma delicada construção intelectual, ou seja, como uma combinação da rigorosa pesquisa documental com as mais diferentes orientações conceituais [...] ao mesmo tempo, porém, elas jamais conseguem esgotar, dar conta inteiramente da capacidade intelectual das obras aqui aludidas, até porque essa modalidade de texto, animada por uma espécie de singular energia interpretativa, aproxima-se sobremaneira daqueles contextos, não para reproduzi-los, mas para desafiá-los, pensá-los, no sentido forte do termo, em um diálogo tenso e sofisticado que pode envolver desde a explicitação – e a possível modificação- de premissas tacitamente aceitas até a crítica radical de usos e costumes de há muito estabelecidos. Para concluir: as ideias cultivadas nesses textos podem, afinal,

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/antonio\\_candido\\_14.html](http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/antonio_candido_14.html)>.

desempenhar um papel dos mais ativos na vida social, dando eventualmente origem a movimentos e instituições, transformando-se elas próprias em contexto e, neste processo, modificando-os de forma indelével<sup>7</sup> (ARAÚJO, 2004: 37).

A conclusão que se segue é que, para Ricardo Benzaquen, os autores convocam os diferentes contextos, quer sejam sócio-econômicos, intelectuais, políticos e religiosos, para pensá-los tanto no sentido da reafirmação como da crítica, e as suas interpretações têm virtualmente a possibilidade de se transformarem em novos contextos. Contudo, essa não é uma prerrogativa apenas dos autores que toma por objeto, mas de todo intérprete. Do próprio Ricardo, inclusive. Ele demonstra que as categorias analíticas não devem ser reificadas, pois isso resultaria tanto em inviabilizá-las como instrumento de trabalho quanto limitaria o alcance da interpretação.

Muito ainda poderia ser acrescentado a estas breves observações, mas, para concluir, gostaria apenas de enfatizar que Antonio Candido de Melo e Souza e Ricardo Benzaquen de Araújo fazem parte agora do nosso acervo intelectual, acervo para o qual contribuíram ao longo de suas vidas, enriquecendo-o muitíssimo. Cabe a nós honrá-los, prosseguindo com eles o trabalho de pensar os nossos intérpretes do Brasil.

---

<sup>7</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Textos e Contextos, in: **Nossa História**. São Paulo: Vera Cruz/FBN, 2004.